

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

William Carlos Williams
FLORES PERTO DO MAR

Quando, acima dos canteiros, agudo
gume do prado, impresentido, o amargo oceano

ergue seu vulto – chicória e margaridas
(maré!) libertas, já não são apenas flores

mas cor e movimento – ou a imagem
talvez – do próprio movimento, ao passo que

o mar, envolvido, se inclina
docemente, árvores sobre seu tronco

In Oswaldino Marques (org.), *Videntes e sonâmbulos*, Ministério da Educação e Cultura, Rio Janeiro, 1955.

QUINZE POETAS CATALÃES

Quis a *Revista Brasileira de Poesia* apresentar em suas páginas uma série de quinze poetas catalães, dos que venho estudando e traduzindo já há alguns meses. Nesta série, vão apenas os poetas nascidos depois do início do século XX. A data aliás, não foi escolhida por nenhum motivo especial e sim, unicamente, pela necessidade de limitar uma determinada quantidade de versos, suscetível de ser publicada num só número de revista.

Como disse, o princípio do Século XX não está aqui como critério psicológico. Na verdade, a posição dos poetas catalães incluídos nesta antologia não difere essencialmente dos poetas catalães imediatamente anteriores, isto é, dos poetas que vieram depois de Josep Carner, nascido em 1884, entre os quais se encontra, por exemplo, o mestre de quase todos os que são aqui dados a conhecer: Carles Riba, em minha opinião o autor mais considerável da língua catalã. Algum dia apresentarei, também, uma outra série desses poetas mais antigos e, especialmente, uma seleção de poesias desse mesmo Riba, cuja transposição para a língua portuguesa tenho a ponto de concluir.

A ter que definir a posição dos poetas posteriores a Carner, eu diria, sem que desprezite por isso as diferenças individuais de cada um deles, que é a sua uma posição de defesa, defesa tensa, da língua catalã. O já mencionado Carner foi talvez o primeiro poeta a ter consciência da situação especialíssima do idioma de que se servia, uma vez que a longa — e importante — série de autores que promoveram a Renascença¹, de Verdaguer (N. em 1845) a Maragal (N. em 1860), estiveram sempre condicionados pelo deslumbramento dessa voz ressuscitada, ao mesmo tempo que prejudicados por uma concepção demasiado romântica da literatura e dos fenômenos da linguagem.

Invocar a situação da língua catalã é absolutamente importante para justificar tal definição, por ser, afinal de contas, a poesia, primordialmente, um uso da linguagem. Pois o fato dessa língua românica, falada (e não exclusivamente) por cinco milhões de pessoas, própria de uma região que se caracterizou sempre por sua situação geográfica de passagem (passagem de guerreiros, na reconquista; de mercadores e soldados; passagem entre Castela e a França, a Itália, o Oriente), ter sido obrigada sempre a defender seu caráter próprio contra influências numerosas e poderosas, me parece suficiente para explicar a fisionomia atual dessa poesia, à qual o conhecimento das novas teorias relativas à existência da linguagem se veio acrescentar, dando-lhe o aspecto presente que a faz uma poesia mais de professores e filólogos do que de jornalistas, de conscientes mais do que de inspirados.

¹ A Renascença a que faço alusão, aqui, é o ressurgimento da língua catalã como idioma literário, realizado em meados do Século XIX, após séculos de uma absoluta hibernação provocada por circunstâncias históricas.

Modernamente, é fácil de compreender-se uma maior crispação verificada nessa atitude de autodisciplina e lucidez, se tomamos em conta a porcentagem de pessoas não catalãs que acorrem atualmente à Catalunha, atraídas por possibilidades de vida mais fácil numa região altamente industrializada; e (fato este último mais importante para os poetas mais jovens ou em elaboração), se levamos em conta o fato de ser esta uma língua já não ensinada nas escolas, só impressa em livros de caráter puramente literário e, absolutamente, desprovida de imprensa; e, finalmente, se nos damos conta do que tudo isso representa de negativo para a existência de um idioma e, portanto, de uma literatura.

Evidentemente, em tais condições, não é possível, sem o grande risco de estar escrevendo em outro idioma, uma atitude romântica de abandono à pura espontaneidade e uma cega — ou mais justamente: engeuecida — entrega ao impulso de criar.

Até aqui, observações objetivas. E, agora, se me é permitida uma parte de julgamento, eu diria que essa atual posição a que foram levados os escritores catalães — uma posição materialista diante da criação poética — talvez contenha uma sugestão digna de ser considerada por parte de poetas de outros idiomas não ameaçados.

Mariano Manent
LOUVAÇÃO DO BARRO

Cantarei o barro, porque nele estive a vida
e este sangue que ferve em nosso corpo.
Meus olhos de barro presentem o repouso
e o clarão imortal de uma outra vida.

Cantarei o barro porque foi amassada
a nossa carne do barro inconsistente
e na argila curtida e inanimada
o sopro de Deus entrou como a semente.

Joan Oliver (Pedro Quarto)
Poema XIX de AS DECAPITAÇÕES

Sem caule, só
corola
que na noite serena
voa,
errante
alma penada,
lívida
(como seu rosto
de despedida
à bela vida).
Casamento
de asa e neve,
fruto celeste
(cabeça
sacra
de Madame
Ana Bolena
rediviva em simulacro),
cinza e chama,
lua plena.

Tomás Garcés
LENDA

Cavaleiros de alvas barbas
na vereda a cavalgar.
Talvez regressem da caça,

talvez partam a guerrear.
Capinzal alto e florido,
um berço no capinzal.
Entre flores, rosas brancas,
o Infante sorrindo está.
Descavalgam, se ajoelham,
se o soubessem embalar!
Com a névoa se dissiparam
o combater e o caçar.

Nascem albas, tombam folhas,
águas no rio a passar.
Nos caminhos da ribeira,
cavalos, sem brida, já.

Rosa Leveroni (1910)
CANÇÃO

Mil auroras acendeu
o ardente grito da chama.
Dez mil estrelas nos deu
o pranto sutil do orvalho.
Punha o perfume carmim
na alma desta rosa branca
e uma cerva pela fonte
buscava o espelho de prata.
Percebi uma canção
e não sei quem a cantava;
entre suspiros de ramos,
como de longe, chegava,
dizendo bem docemente:
Ai da triste enamorada! ...

B. Rosselló-Pòrcel
A MAIORCA, DURANTE A GUERRA CIVIL

Reverdecem ainda aqueles campos
e permanecem aqueles arvoredos
e sobre o mesmo azul
se recortam as minhas montanhas.
Ali as pedras invocam sempre
a chuva difícil, a chuva azul
que vem de ti, cordilheira clara,
serra, prazer, claridade minha!
Sou avaro do que me resta de tua luz
e que me faz estremecer quando te evoco!
Ali os jardins são agora como a música
e me turbam, fatigam com seu tédio lento.
Ali o coração do outono já murcha
em harmonia com fumeiros delicados.
E as ervas são queimadas pelos cerros
de caça, entre sonhos de setembro
e névoas tingidas de ocaso.

Toda a minha vida se liga a ti,
como na noite, as chamas à treva.

Joan Texidor
MENINO

Todos os jardins se fizeram para ti
e as flores, as pedras.
Não tentes saber mais, contempla
a luz pendurada na árvore.

Quando grande, não te lembrarás
desta paz divina.
Mas uma obscura saudade haverá no desejo
do que agora te sobra.

Salvador Espriu
MONÓLOGO DE ESTHER

Quando te perderes dentro
do deserto da tarde
e te der sede o azul
do mar tão distante,
sentirás que és olhado,
pelo meu olhar.

Eterno príncipe, Jacob,
terás sempre companhia
contigo peregrinando
através séculos, palavras.
Suportarás a morte
como o ramo ao pássaro.

Ai, inimigo caminho
das horas, das águas,
galope de altivos arceiros
contrários à estátua
de sal do que pensou
vir a ser mármore!
Se tu caís, os teus olhos
gelo esperanças.

Povo triste, à lembrança
das cidades abrasadas.
Nenhum repouso te acolhe
de sombra doce, ou casa.
Apenas sonhos, no fundo

Joan Vinyoli
AO VENTO DE OUTONO

Vento de outono, vento solitário,
vento da noite,
força obscura que se desprende
do infinito e volta ao infinito,
rodopia dentro de mim, conjura
contra meu coração tua força,
arranca de uma vez a casca
do fruto que não madura.

Josep Romeu
JUNHO

Nobres, mais do que o ouro, as espigas
oscilam, maduras, e ondulam
e vêm e vão ao vento,
em tardes sagradas, doces.
Esperam agora a foice
para dar-se submissas, largamente.

Conhecêssemos o amor do fruto
que recolhe o mel profundo
e cai, alimento de Deus,
ao fazer-se maduro, completo!

Josep Palau
SONETO INTRAUTERINO

Desde teu mal, desde tua entranha, desde tuas lágrimas
quero ser uma voz – germinal.

Pensar-te desde ti, desde teu centro contar-te, desde a flor
suprema de teus olhos.

Quero desnascer em ti. Todo homem quer desnascer num
amor, num seio.

Ah! faze-me pequeno, pequeno, até que eu seja pó
enfebrecido, pólen de teu ventre.

Joan Barat
ANO NOVO

Meia-noite, epílogo
e cinza de um pouco de mim
e do tempo; outra vez empreender
um sangue e um caminho
eterno, sem entender.

Joan Perucho
É POR ISSO QUE ESTIMO

Mármore ou lua gelada,
errante,
como pensativo asfódelo navegas por um céu de esperança
enquanto tuas mãos ignoram as macilentas febres,
os horrores da morte sobre o lodo
ou a injúria vil
que sob encorajadoras palavras
dirigem os homens a suas amantes secretas.

Desejaria estimar-te
como o delicado inseto estima a pequena memória de uma flor
ou como a terra estima a nuvem
prostrado serenamente ante uma harmoniosa presença
que perdura na luz de teu corpo
tão esbelto e jovem.

Porém o sonho que aproxima sonho,
vida que alenta vida
não perdoa uma boca, uma inútil tortura;
não perdoa um amor que se enraíza como árvore
alçada furiosamente por cima de um ventre
ou de uma terra materna.

E' por isso que estimo
esta canção que ora agoniza.

Joan Triadú
ENDIMIÃO (Fragmento)

E' ainda um repouso às feridas
que o ar desperte, pátria, de seu sonho
cansado e taciturno, amigo apenas
de frágeis bandeiras, dos cabelos
mais ágeis de um amor, e do sorriso
do nosso mar — aceso de pura manhã,
ao lado da vida. Sempre me acompanham
os silêncios amigos e essa fadiga
tão doce de seu falar, rico de uma morte
bem guardada nos anos e das lutas
— quando um abraço povoa as areias de frutos
e me devolve as bandeiras no vento
do ombro seguro e exaltado;
enquanto as crianças agora, com olhos de noite,
aspiram o clarão do céu selvagem,
sem que uma voz responda ao seu chamado
que serve apenas para afugentar os pássaros de boas-vindas.

Jordi Sarsanedas
COLOCAREI O MEU AMOR ...

Colocarei o meu amor, tão longo como as veias,
na boca de cinza daquele menino esquivo
entre a paz humilde das derradeiras cabras.
Quero abraçar a fome que lhe dá aquele passo sutil,
pousar um sonho leve na sua cabeça rapada
e o reflexo da flor da nossa mimosa.

Jordi Cots
VIVER COM FÉ ...

Viver com fé cada hora santa
como se amanhã partíssemos
para um país estrangeiro,
sem despedir a hora nossa.

E arrancar do céu a chuva,
e de teus olhos o tempo, amiga,
pássaro, flor de neve, para contemplar-te.

Oh o ritmo grave da Morte!
A Morte nos meus cabelos
presa como uma rosa.

In Revista Brasileira de Poesia, São Paulo: Ano II, nº 4, vol. I, fevereiro de 1949.